

**Identidade e imaginário:
a xenofobia contemporânea sob a perspectiva de Bauman**

*Identity and Imaginary:
Contemporary Xenophobia from Bauman's Perspective*

Eduardo RITTER¹

Resumo

Contemporaneamente, o discurso xenofóbico tem encontrado cada vez mais representações, disfarçado de uma narrativa de securitização. Em sua obra, Bauman (2017) discorre sobre a crise humanitária causada por muros reais e imaginários erguidos para impedir a entrada de pessoas de outras nações em territórios governados por líderes como Donald Trump, que, em suas campanhas eleitorais para presidente, teve no combate à imigração um de seus principais pilares publicitários. Diante desse cenário, torna-se fundamental compreender como a construção do “outro” como ameaça reforça barreiras simbólicas e legítimas políticas excludentes. Valendo-se dos conceitos de imaginário e identidade, o artigo traz reflexões sobre como Bauman aborda a xenofobia, evidenciando suas implicações sociais e políticas.

Palavras-chave: Identidade. Imaginário. Imigração. Xenofobia Bauman.

Abstract

Contemporaneously, xenophobic discourse has found increasing representation, disguised as a narrative of securitization. In his work, Bauman (2017) discusses the humanitarian crisis caused by both real and imagined walls erected to prevent the entry of people from other nations into territories governed by leaders such as Donald Trump, who, in his presidential campaigns, made the fight against immigration one of his main publicity pillars. In this context, it becomes essential to understand how the construction of the “other” as a threat reinforces symbolic barriers and legitimizes exclusionary policies. Drawing on the concepts of imaginary and identity, this article reflects on how Bauman addresses xenophobia, highlighting its social and political implications.

Keywords: Identity; Imaginary; Immigration. Xenophobia. Bauman.

¹ Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor do Curso de Jornalismo do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: rittergaucho@gmail.com

Introdução

“Não permitiremos que os Estados Unidos sejam violados” (CNN Brasil, 2025). A frase, dita por Donald Trump três dias após sua posse para o segundo mandato, no Fórum Econômico Mundial de 2025, reflete um discurso recorrente de chefes de estado para abordar as políticas migratórias contemporâneas. Ao associar a imigração à ameaça à soberania nacional, essa narrativa fortalece um imaginário de insegurança que busca justificar medidas excludentes sob o pretexto de proteção.

Essa fala ilustra a crítica de Bauman (2017) em *Estranhos à nossa porta*, na qual ele examina, dentre outros tópicos, como os discursos de securitização, frequentemente usados por políticos de extrema-direita, criminalizam imigrantes e reforçam sua posição como defensores da pátria. Esse processo alimenta o medo social e redefine identidades coletivas, determinando quem pertence e quem deve ser excluído.

Com base nesse contexto, o objetivo deste artigo é analisar a obra de Bauman (2017) sob as perspectivas de identidade, imaginário e xenofobia. A escolha do tema justifica-se pela crescente relevância dos debates sobre migração e exclusão em um mundo polarizado, onde a construção do “outro” como ameaça se tornou um instrumento político de grande impacto. O artigo busca responder à seguinte questão: como Bauman aborda a xenofobia contemporânea e de que maneira seus conceitos de imaginário e identidade são aplicados nessa análise?

Inicialmente, o artigo apresenta uma visão geral da obra de Bauman e dos conceitos de identidade e imaginário. Em seguida, realiza-se a análise teórica, correlacionando esses conceitos com a problemática discutida. Finalmente, são apresentadas as considerações finais, contextualizando a pesquisa dentro de um projeto mais amplo sobre processos migratórios.

Metodologicamente, a pesquisa se alinha à proposta de Vieira Filho (2025), que defende que a pesquisa nas humanidades deve ser orientada pelos afetos, reconhecendo a importância dos saberes localizados, do corpo e da vulnerabilidade, propondo uma abordagem ética e dialógica. Como afirma Vieira Filho, “existe uma heterogeneidade que nos forma e nos atravessa, assim como imprevisibilidades no caminhar de uma pesquisa” (2025, p.131). Esse conceito de pesquisa caracteriza-se por ser qualitativa, ou seja, “que visa compreender as ações humanas, não apenas explicá-las” (MARTINO, 2018, p.99), e é central para este estudo. Assim, a pesquisa adota uma abordagem dialógica entre os

autores, considerando que “a teoria deve atuar como um meio de ruptura epistemológica, desafiando pré-noções do senso comum e oferecendo uma explicação dos fatos” (LOPES, 2001, p.124).

Estranhos à nossa porta: a crítica de Bauman aos discursos xenofóbicos contemporâneos

Zygmunt Bauman (1925–2017), sociólogo e filósofo polonês, teve uma trajetória pessoal que influenciou profundamente suas reflexões sobre migração, identidade e exclusão. Nascido em Poznań, na Polônia, em uma família de judeus não praticantes, viu sua vida transformada pela perseguição e pelo deslocamento forçado. Com a invasão da Polônia pelos nazistas no início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, ele e sua família buscaram refúgio na então União Soviética, experiência que o marcou e o aproximou das discussões sobre diásporas e deslocamentos forçados. "Não havia bombas caindo, não havia cadáveres, mas os motivos da fuga eram os mesmos. Eles estavam sendo punidos por sua judaicidade. Estavam partindo para sempre" (WAGNER, 2020, p.360).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Bauman integrou o Primeiro Exército Polonês sob comando soviético, onde atuou como instrutor político e participou de batalhas, como as de Kolberg e Berlim. Sua experiência no conflito e a posterior reconstrução de sua vida em diferentes países o fizeram compreender, na prática, a condição do estrangeiro, da incerteza e do pertencimento precário - temas que ganham destaque em diversas de suas obras.

Destarte, é importante destacar que Bauman (2017) classifica como xenofobia um sentimento de hostilidade, rejeição ou medo em relação a pessoas de outras culturas, nacionalidades ou etnias, sendo resultado de ações discriminatórias, preconceituosas e excludentes. Tal fenômeno acontece tanto por estereótipos - resultado de processos imaginários -, quanto por desinformação, perseguições ou conflitos históricos anteriores.

Na sua obra, Bauman traz essa perspectiva para o contexto imigratório, refletindo sobre como aqueles que buscam refúgio ou melhores condições de vida são frequentemente reduzidos a ameaças. A estigmatização dos migrantes não ocorre apenas no discurso, mas também se reflete em políticas restritivas e na marginalização estrutural, que impedem sua plena integração e reforçam barreiras sociais e culturais. Essa visão excludente é resultado de construções históricas, mas, na contemporaneidade, se

intensifica com discursos políticos que normalizam a xenofobia e reforçam um medo infundado do "outro".

Crianças afogadas, muros apressadamente erguidos, cercas de arame farpado, campos de concentração superlotados e competindo entre si para acrescentar o insulto de tratar os migrantes como batatas quentes às injúrias do exílio, de escapar por pouco dos perigos enervantes da viagem rumo à segurança – todas essas ofensas morais cada vez são menos notícia e aparecem com menor frequência no noticiário. Infelizmente, o destino dos choques é transformar-se na rotina tediosa da normalidade (BAUMAN, 2017, p.8).

Essa abordagem crítica de Bauman (2017) não é apenas teórica, mas se entrelaça com sua própria vivência. Sua trajetória de deslocamentos e reconstrução de identidade permite uma leitura aprofundada da migração como fenômeno complexo e recorrente. Seu pensamento continua atual, especialmente diante da ascensão de líderes políticos com discursos extremistas que reforçam a rejeição ao estrangeiro, promovendo políticas restritivas e aprofundando desigualdades. A normalização da xenofobia, denunciada por Bauman, segue como um dos maiores desafios éticos e sociais da contemporaneidade.

Identidade e imaginário: reflexões iniciais

Toda identidade é, em algum grau, um imaginário, pois ao pensarmos quem somos, projetamos histórias, símbolos e mitos que nos definem. Essas narrativas, embora fluidas, são permeadas por experiências e memórias coletivas e individuais. Assim, este tópico reflete sobre identidade e imaginário, considerando que a identidade também está atrelada à diferença. Silva (2014) argumenta que identidade e diferença não são entidades fixas ou originárias, mas precisam ser continuamente criadas e recriadas. “A identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição” (SILVA, 2014, p.96). O mesmo autor ainda apresenta um conceito mais claro de identidade:

Podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2014, p.96-97).

Pensando sobre o tema da obra de Bauman (2017), pode-se afirmar que a relação entre identidade e processos migratórios envolve tanto fatores de expulsão quanto de atração, moldando geografias e subjetividades.

Essa dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras. O conceito de diáspora é um dos conceitos que nos permite compreender algumas dessas identidades que não têm uma pátria e que não podem ser simplesmente atribuídas a uma única fonte (WOODWARD, 2014, p.22).

Além disso, o imaginário exerce um papel central na experiência migratória. Seja por fatores religiosos ou culturais, “alguns grupos étnicos têm reagido à sua marginalização no interior das sociedades ‘hospedeiras’ pelo apelo a uma enérgica reafirmação de suas identidades de origem” (WOODWARD, 2014, p.23).

Silva (2003), por sua vez, enfatiza a inseparabilidade entre realidade e imaginário: “Todo imaginário é real. Todo real é imaginário. O homem só existe na realidade imaginal. Não há vida simbólica fora do imaginário” (SILVA, 2003, p.7). Esse imaginário molda a percepção dos deslocados e daqueles que os recebem: “O imaginário é a marca digital simbólica do indivíduo ou do grupo na matéria do vivido” (SILVA, 2003, p.12).

Por fim, a compreensão da diáspora exige mais do que números e estatísticas; é preciso uma abordagem qualitativa e interpretativa. Como afirma Durand (2001), “A imaginação bebe o obstáculo que a opacidade do real percebido constitui, e a vacuidade total da consciência corresponde a uma espontaneidade. É assim uma espécie de nirvana intelectual que chega a análise do imaginário [...]” (DURAND, 2001, p.23). Esse processo é central para a identidade dos grupos diaspóricos, pois envolve a ruptura com a comunidade de origem. Da criança que precisa aprender uma nova língua ao adulto que se adapta a outra cultura, o imaginário torna-se um refúgio, reunindo sentimentos, lembranças e visões do real que ajudam a reconstruir o senso de pertencimento. Essa recriação, por sua vez, torna-se uma narrativa.

A xenofobia no mundo contemporâneo: imaginário, identidade e exclusão na obra *Estranhos à nossa porta*

Os fluxos migratórios são tão antigos quanto a própria história da humanidade. Movimentos de populações por questões climáticas, guerras, fome ou busca por melhores condições de vida sempre marcaram a dinâmica civilizatória. Elhajji (2023, p.14) lembra que “as migrações constituem um fenômeno natural, universal e transhistórico; na medida que consiste num dos quatro mecanismos de evolução biológica - juntamente com as mutações, a deriva genética e a seleção natural”. No entanto, apesar de sua naturalidade histórica, observa-se um recrudescimento dos discursos xenofóbicos nas sociedades contemporâneas, especialmente nos discursos de políticos da extrema-direita, como Donald Trump, que fez da xenofobia o foco da sua campanha na eleição americana de 2024. Essa rejeição ao outro é acentuada por uma narrativa que associa o estrangeiro ao perigo, numa construção simbólica que alimenta o medo, reforçando fronteiras, muros - reais e imaginários.

Neste sentido, Zygmunt Bauman, em *Estranhos à nossa porta* (2017), oferece uma análise contundente sobre esse fenômeno antigo, mas que ganha destaque nas narrativas midiáticas contemporâneas. Desde o título, o autor provoca uma reflexão sobre quem está "dentro" e quem está "fora". A imagem da porta simboliza a fronteira entre o seguro e o ameaçador, entre o conhecido e o estranho. Em suas palavras:

Refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectiva têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos. Para quem está por trás dessas portas, eles sempre foram – como são agora – estranhos. Estranhos tendem a causar ansiedade por serem “diferentes” – e, assim, assustadoramente imprevisíveis, ao contrário das pessoas com as quais interagimos todos os dias e das quais acreditamos saber o que esperar (BAUMAN, 2017, p. 13-14).

Essa construção do estranho como uma ameaça está diretamente ligada à ideia de imaginário. Segundo Hall (2009, p.26), “as nações, sugere Benedict Anderson, não são apenas entidades políticas soberanas, mas comunidades imaginadas”. Esse imaginário nacionalista opera delimitando quem pertence e quem é excluído, criando uma ilusão de homogeneidade cultural e identitária. Assim, o estrangeiro é lido como o elemento dissonante, o corpo estranho a ser rejeitado.

Bauman (2017) utiliza o conceito de *mixofobia* para descrever o medo do contato com o diferente, que como vimos, marca as identidades. Trata-se de “o medo provocado pelo volume irrefreável do desconhecido, inconveniente, desconcertante e incontrolável” (p.15). Tal medo, explorado por lideranças políticas e alimentado por narrativas midiáticas que muitas vezes não adotam uma perspectiva crítica, converte-se em discurso político e política de Estado, muitas vezes silenciando e perseguindo identidades e rastros culturais de pessoas vindas de outras sociedades. O autor alerta para o uso retórico da expressão "crise migratória" nas narrativas midiáticas, como uma forma de reforçar estigmas e legitimar a exclusão: "um codinome, permitam-me insinuar, tão vago quanto ameaçador e intencionalmente alarmante" (BAUMAN, 2017, p.70).

Inclusive, no campo midiático, essa representação do migrante como problema é reforçada constantemente. Ijuim (2017) aponta três estratégias de desumanização nas narrativas jornalísticas: 1) caricaturizar o sujeito; 2) ignorar a complexidade do fenômeno; e 3) não se comunicar com o outro. Essa abordagem midiática colabora para consolidar estigmas e distanciar a população das reais causas e impactos das migrações, contribuindo para a formação de um imaginário social pautado na exclusão. “Caricaturizar o ser humano, não perceber a complexidade dos fenômenos e não reconhecer e não se comunicar com o Outro, me parece, são maneiras de não colocar o ser humano como ponto de partida e de chegada na narrativa jornalística” (IJUIM, 2017, p.247). Ou seja, ao estigmatizar o estrangeiro, reduzindo-o a uma peça dentro de uma *crise migratória*, o discurso jornalístico também integra as narrativas midiáticas criticadas por Bauman (2017).

Já a diáspora, nesse contexto, deve ser compreendida como um deslocamento complexo, atravessado por violências, esperanças e negociações culturais. Hall (2009, p.26) observa que “talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos - após a Expulsão do Paraíso, digamos – o que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* - literalmente, 'não estamos em casa'”. A condição diaspórica é, portanto, não apenas uma realidade física, mas também simbólica e identitária.

O conceito de imaginário diaspórico permite compreender como o migrante constrói, negocia e reinscreve sua identidade a partir das experiências de deslocamento. Silva (2003, p. 8) afirma que “os imaginários difundem-se por meio de tecnologias próprias, que podem ser chamadas de tecnologias do imaginário. [...] O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes”.

Essas tecnologias, como os meios de comunicação, narrativas orais e culturais, ajudam a formar uma identidade coletiva em meio à dispersão.

Para Durand (2001), o imaginário atua como mediador entre a realidade concreta e a subjetividade humana, moldando as formas de percepção e representação do mundo. Ele é estruturado por simbolismos, arquétipos e polaridades, sempre em transformação conforme as mudanças culturais e históricas. Daí que os deslocamentos forçados ou voluntários mobilizam, simultaneamente, traços culturais e subjetivos que influenciam como o sujeito se posiciona em um novo contexto social.

Nesse sentido, o que Bauman propõe? Ora, na narrativa de *Estranhos à nossa porta* ele defende o reconhecimento da necessidade de uma consciência cosmopolita, capaz de superar o medo do outro e valorizar a convivência com a diferença. O autor é enfático ao afirmar: “o que nos falta é uma consciência cosmopolita que se harmonize com nossa condição também cosmopolita” (BAUMAN, 2017, p. 66).

Essa consciência passa pela compreensão de que o estrangeiro não é uma anomalia, mas parte integrante do mundo globalizado, em que as fronteiras são cada vez mais simbólicas e menos eficazes na contenção dos fluxos humanos. Em passagens incisivas, Bauman revela as contradições desse sistema:

Nas partes “desenvolvidas” do planeta, em que tanto migrantes econômicos quanto refugiados buscam abrigo, os interesses empresariais desejam com firmeza o (e dão boas-vindas ao) influxo de mão de obra barata e de habilidades lucrativamente promissoras” (BAUMAN, 2017, p. 9).

Ou seja, o estrangeiro é bem-vindo quando pode ser explorado, mas rejeitado quando exige direitos e reconhecimento. Tal perspectiva converge com a abordagem crítica de Sayad (1998, p.54), quando ele afirma que tanto a imigração quanto os imigrantes “só têm sentido e razão de ser se o quadro duplo erigido com o fim de contabilizar os custos e os lucros apresentar um saldo positivo – idealmente, a imigração deveria comportar apenas vantagens, e no limite, nenhum custo”.

Esse duplo padrão, que Sayad (1998) vai aprofundar na sua pesquisa, também é explorado politicamente. Bauman (2017, p. 22) observa:

Explorar a ansiedade causada pelo afluxo de estranhos – que, segundo se teme, vão empurrar para mais baixo ainda os salários que já se recusam a crescer e prolongar ainda mais as filas já longas de pessoas que procuram (sem resultado) empregos teimosamente escassos – é

uma tentação a que bem poucos políticos em exercício, ou aspirando a isso, seriam capazes de resistir.

Assim, o medo é instrumentalizado como ferramenta eleitoral, perpetuando a *mixofobia* e inviabilizando soluções efetivas. Neste sentido, os discursos contemporâneos de líderes de extrema direita, como Donald Trump nos Estados Unidos, e Jair Bolsonaro, ex-presidente no Brasil, materializam e amplificam os medos construídos no imaginário coletivo acerca do estrangeiro, conforme analisado por Bauman (2017), que menciona o discurso xenofóbico trumpista já na campanha para a sua primeira eleição, em 2016:

Confiar na onipotência de um tirano, assinala Reich, é um “sonho impossível”, e a obtenção por Trump dessa confiança é um “truque de mágica. A rejeição de ambos por Reich é, evidentemente, correta. Da mesma forma, a união da “classe ansiosa” em torno de um mágico que ilude seus integrantes, fazendo-os acalentar os sonhos impossíveis que le propõe, não é necessariamente predeterminada e inevitável (BAUMAN, 2017, p.51).

Tal qual ocorreu em 2016, durante a campanha para o segundo mandato como presidente dos Estados Unidos em 2024, Donald Trump reiterou e reforçou a retórica do “invasor”, associando imigrantes, sobretudo latino-americanos, ao crime, ao tráfico de drogas e à ameaça à segurança nacional.

Essa narrativa mobiliza mais uma vez o que Bauman (2017) chama de *mixofobia*, transformando a presença do outro em problema político e eleitoral. Ao prometer a construção de muros físicos na fronteira com o México e reforçar políticas de deportação em massa, Trump materializa o símbolo da porta fechada a que Bauman (2017) se refere, acentuando a separação entre “nós” e “eles”. O uso reiterado da expressão “crise migratória” por parte do ex-presidente exemplifica a estratégia descrita por Bauman como forma de estigmatização alarmista acerca do imigrante, cuja função é desumanizar e excluir: “um codinome [...] intencionalmente alarmante” (2017, p. 70).

Esse discurso político, amplificado por redes sociais e certos meios de comunicação, contribui para consolidar um imaginário social xenofóbico, onde o imigrante é não apenas o estranho, mas o inimigo. A instrumentalização do medo em nome da preservação de uma suposta identidade nacional homogênea revela, portanto, como o imaginário pode ser manipulado para justificar políticas excludentes e reforçar

fronteiras simbólicas e materiais – um fenômeno que evidencia a atualidade e a urgência das reflexões de Bauman (2017).

Já a análise proposta por Sayad (1998) permite aprofundar ainda mais a compreensão do que Bauman (2017) descreve como uma relação ambígua entre acolhimento e rejeição. Enquanto o sociólogo polonês revela os mecanismos simbólicos e midiáticos que produzem o medo do outro, Sayad expõe como esse medo se materializa em políticas públicas, como no sistema educacional que forma o imigrante apenas “ao estritamente necessário” (SAYAD, 1998, p. 59). A migração, nesse sentido, não é apenas um deslocamento físico, mas a entrada em um campo de forças onde o sujeito é moldado, corrigido e controlado. O estrangeiro não é somente visto como diferente: ele é funcionalizado. Sua permanência no país de destino é condicionada à sua utilidade econômica, e não ao seu pertencimento pleno. Isso estabelece um paradigma perverso no qual o imigrante, mesmo quando educado, especializado ou altamente qualificado, permanece “dispensável e expulsável” (SAYAD, 1998, p. 62). Tal lógica reforça a condição do estrangeiro como eternamente provisória, mesmo quando sua contribuição ao tecido social é inegável.

Essa perspectiva amplia a compreensão sobre as estratégias de exclusão e assimilação forçada, que não se limitam às fronteiras físicas, mas penetram no cotidiano das instituições. Quando Sayad (1998, p. 62-63) afirma que o imigrante é constantemente objeto de um “trabalho de correção” que visa reduzir seus desvios em relação à norma local, ele está descrevendo um processo de domesticação simbólica, em que a diferença é tolerada apenas sob a condição de sua negação. Esse processo se articula com a “mixofobia” mencionada por Bauman (2017), mas vai além: ele institucionaliza a mixofobia ao transformá-la em política educativa, sanitária, habitacional e trabalhista. É como se o sistema reiterasse constantemente: o estrangeiro pode ficar, desde que se molde completamente ao que se espera dele - e, mesmo assim, sem jamais deixar de ser estrangeiro.

Dessa forma, a xenofobia não deve ser analisada apenas como um sintoma de insegurança cultural, mas como um dispositivo ativo de gestão populacional e exclusão social adotadas por diferentes nações. Ao colocar a dimensão econômica como critério fundamental para o reconhecimento do imigrante, como sublinhado por Sayad (1998) e também comentado por Bauman (2017), reforça-se uma lógica neoliberal que só valida existências produtivas, descartando as demais. Essa dinâmica explorada pelos dois

autores se conecta de forma estreita com estratégias baseadas no medo e na sensação de ameaça, frequentemente mobilizadas por líderes de nações soberanas. Funciona como base para mecanismos de exclusão disfarçados de decisões racionais e eficientes do ponto de vista econômico. No fundo, delinea-se um modelo social no qual o diverso é admitido apenas sob constante controle e vigilância, e o outro é aceito somente quando reduzido a mão de obra obediente e sem voz.

Diante disso, torna-se urgente compreender a xenofobia não apenas como uma reatividade emocional, mas como parte de um sistema simbólico e político mais amplo. A diáspora, o imaginário e as narrativas midiáticas devem ser analisados em sua complexidade, pois são atravessados por relações de poder, discursos hegemônicos e processos identitários. A análise de Bauman (2017) permanece atual e relevante, pois não apenas denuncia os muros erguidos contra os que são considerados popularmente como “estranhos”, mas nos convida a questionar os muros que erguemos dentro de nós mesmos.

Em síntese, enfrentar a xenofobia contemporânea demanda uma nova postura coletiva frente à alteridade. Isso implica, fundamentalmente, promover discursos e políticas públicas inclusivas, baseada na empatia, na escuta atenta e no compromisso solidário. Tal empreitada envolve a reconstrução dos imaginários coletivos, a ressignificação das narrativas propagadas pelos diferentes tipos de discursos midiáticos e a reconsideração do papel atribuído ao estrangeiro na formação das identidades nacionais. Como aponta Hall (2009, p. 33), “fronteiras não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim”. Afinal, é válido sempre lembrar que o planeta está em constante deslocamento, e nós, queiramos ou não, nos deslocamos com ele.

Considerações finais

O presente artigo propôs-se a analisar a obra *Estranhos à nossa porta* (2017), de Zygmunt Bauman, à luz de autores que problematizam os conceitos de imaginário, identidade e imigração, como Sayad, Hall, Durand e Silva. Essa abordagem crítica demonstrou como a construção simbólica do estrangeiro, intensamente mediada pelas narrativas midiáticas e discursos políticos, atua como elemento estruturante da xenofobia contemporânea. A partir das contribuições de Bauman (2017), foi possível compreender

que a rejeição ao outro não é um fenômeno novo, mas um mecanismo histórico de defesa identitária que se intensifica em contextos de crise, instabilidade ou desorganização social.

Ao longo do texto, evidenciou-se que o estrangeiro, frequentemente reduzido a uma função econômica, é transformado em símbolo de ameaça. A *mixofobia*, conceito explorado por Bauman (2017), reflete esse medo irracional do diferente, que ganha contornos ainda mais perigosos quando instrumentalizado por líderes que se apresentam como heróis ou salvadores contra imigrantes que são estigmatizados negativamente. Em um cenário global marcado por inseguranças econômicas, políticas e sociais, figuras nacionalistas emergem como supostos salvadores, prometendo restaurar uma ordem fictícia baseada em identidades homogêneas e fronteiras impenetráveis, como é o caso do discurso e das políticas migratórias do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Bauman (2017) é categórico ao afirmar que, nessas circunstâncias, as sociedades tendem a buscar “alguém que prometa barrar o planeta globalizado e trancar as portas que há muito tempo perderam as dobradiças (ou melhor, cujas dobradiças foram quebradas), tornando-se assim inúteis” (BAUMAN, 2017, p. 65).

Essa busca por soluções autoritárias e excludentes revela o fracasso das sociedades em construir projetos coletivos baseados na solidariedade e na convivência com a diferença. Em vez de enfrentarem as contradições do sistema globalizado - como a desigualdade estrutural e os impactos das guerras e mudanças climáticas -, essas sociedades, através de seus discursos midiáticos e das falas de seus líderes - buscam transferir a responsabilidade para os imigrantes, transformando pessoas que são vítimas de um mundo que supervaloriza as relações de capital em culpados. A análise desenvolvida ao longo desta pesquisa permitiu demonstrar que o discurso xenofóbico não se limita à retórica, mas se materializa em políticas públicas e práticas cotidianas que desumanizam e marginalizam os migrantes.

Ao integrar diferentes autores e perspectivas, o artigo também reforça a importância de se compreender os processos migratórios para além de uma lógica funcionalista. O migrante não é apenas mão de obra: é sujeito histórico, portador de cultura, memória e direitos. A partir da ideia de imaginário diaspórico, discutida por Hall (2009) e Silva (2003), evidenciou-se como os deslocamentos mobilizam identidades complexas, em constante negociação com os contextos de acolhimento e rejeição. A

migração é, portanto, um campo de disputa simbólica e política, onde o reconhecimento e o pertencimento se entrelaçam com a produção de sentidos sobre o “nós” e os “outros”.

Destaca-se, por fim, que este artigo é parte de um projeto de pesquisa mais amplo que busca investigar os processos migratórios em sua interface com a formação de identidades, os imaginários sociais e as narrativas midiáticas. Entende-se que tais dimensões são fundamentais para compreender as raízes e os efeitos das práticas excludentes e xenofóbicas, bem como para construir alternativas que promovam uma convivência mais justa, plural e democrática. Esta pesquisa também aponta que a obra de Bauman (2017) segue sendo fundamental para essa reflexão, especialmente por seu apelo à construção de uma consciência cosmopolita e integrada. Em tempos de retração democrática e avanço de discursos de ódio, pensar com Bauman (2017) é, também, um ato de resistência ética e política.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CNN BRASIL. “**Não permitiremos que os EUA sejam violados**”, diz Trump sobre imigrantes. CNN Brasil, São Paulo, 23 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/nao-permitiremos-que-os-eua-sejam-violados-diz-trump-sobre-imigrantes/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

Hall, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

IJUIM, Jorge. Por que humanizar o jornalismo (?). *In*: **Revista Verso e Reverso**. São Leopoldo: Unisinos, V.31, 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2001.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação** – Projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.

MORISSON, Toni. **A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Tadeu Tomaz da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIEIRA FILHO, Maurício João. Afetos nas pesquisas científicas das humanidades: aposta metodológica para um caminho engajado. *In*: QUEIRÓZ, Francisco Aquinei Timóteo; SOUZA, Shelton Lima de (Org.). **Metodologias em pesquisas acadêmico-científicas** – subjetividades, afetações e práticas. Rio Branco: Nepan Editora; Edufac, 2025.

WAGNER, Izabela. **Bauman**: uma biografia. São Paulo: ZAHAR, 2020.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.